

# REVISTA GERAÇÃO DE 20

DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

v. 2 n. 2 abril/junho 2022



# REVISTA GERAÇÃO DE 20

DA ARTE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

v. 2 n. 2 abril/junho 2022

ISSN 2764-4014

# **IMPRESSO**

Águia Xerox Papelaria

(Módulo 3, UEFS) — (75) 9 8822-6498

# AJUDE-NOS A MANTER A REVISTA GERAÇÃO DE 20 NO AR

Ao apoiar a Revista Geração de 20, você ajuda a custear as plataformas que mantêm o projeto no ar e ainda contribui para a continuação da divulgação gratuita de poetas, escritoras e artistas visuais independentes

**DOE QUALQUER  
VALOR**

Chave Pix: [geracaode20@gmail.com](mailto:geracaode20@gmail.com)

Titular: Wanderson Silva Mercês

CPF: \*\*\*.008.335-\*\*

Banco Pan

Conheça o nosso site:  
[www.geracaode20.org](http://www.geracaode20.org)



# OBJETIVO DA REVISTA

A Revista Geração de 20 é um periódico digital e físico que visa promover a literatura e as artes visuais produzidas por artistas independentes durante a década de 2020 no Brasil.

## LINHA EDITORIAL

A Revista Geração de 20 nasceu da mente inquieta de um graduando do curso de Letras e poeta independente que se articula para que a sua arte e a de outras pessoas artistas sejam divulgadas. Nesse sentido, a revista se propõe a divulgar o trabalho de artistas independentes. Buscamos publicar quem está surgindo na cena artística, todavia, artistas que desenvolvem um trabalho há mais tempo também são bem-vindas. Não publicamos trabalhos que contenham qualquer tipo de preconceito e/ou que reforcem qualquer discurso de ódio.

## FORMATOS

Aceitamos poemas escritos em versos livres ou em formas fixas; contos, crônicas, minicontos, cartas, etc.; e desenhos, pinturas, esculturas, gravuras, designs, fotografias, etc.

## AVALIAÇÃO

Após prévia consideração da equipe editorial, que verifica se as regras do edital estão devidamente atendidas, as inscrições são enviadas às pessoas pareceristas, que podem aceitar ou recusar a obra para publicação. Em caso de exceção, a decisão final caberá às editoras.

## PERIODICIDADE

A Revista Geração de 20 publica duas vezes ao ano, com periodicidade semestral. A chamada para inscrição ocorre em momentos oportunos e é divulgada no site e nas contas oficiais da revista nas redes sociais.

## COMO REFERENCIAR

ÚLTIMO NOME, Primeiro nome da pessoa autora da obra. Título da obra. **Título da Revista**, local de publicação, volume do fascículo, número do fascículo, p. (página inicial e final da obra), mês, ano de publicação.

Exemplo:

LAVOISIER, Celso. Um breve ensaio sobre o sentido da Arte. **Revista Geração de 20**, Feira de Santana, v. 1, n. 1, p. 36-37, jul./dez. 2021.

# DIREITOS AUTORAIS



Fotografia de Hortência Sant'Ana

São permitidas, a título gratuito, a consulta e a reprodução, parcial ou total deste fascículo, para uso próprio de quem a consulta, desde que dê os devidos créditos (para o crédito de autoria, devem ser mencionados: o título da obra, o nome completo da pessoa autora e a fonte). É expressamente vedada a cópia ou reprodução deste material para uso comercial, ou distribuição comercial.

© 2022 Revista Geração de 20

Informamos que a periodicidade da Revista Geração de 20 volta a ser semestral a partir do 2º semestre de 2022.

# EQUIPE EDITORIAL

## EDITOR-CHEFE

Dee Mercês – Instagram @legiaodemim

## COMISSÃO EDITORIAL

Clareanna Santana – Instagram @clareamente

Fabiana Souza – Instagram @soul2faraway

Ronaldo Porto – Instagram @euronaldoporto

## REVISÃO DE TEXTOS

Aline Haar – Instagram @arevisao

## PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Dee Mercês

**PERIODICIDADE:** Trimestral

**IDIOMA:** Português, Brasil

## AUTOR CORPORATIVO

Dee Mercês – Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, Brasil

Logradouro: Feira de Santana - Bahia - Brasil

## CONTATOS

Redes sociais: Instagram

E-mail para contato: [geracaode20@gmail.com](mailto:geracaode20@gmail.com)

Site: [www.geracaode20.org](http://www.geracaode20.org)

## CRÉDITOS

### CAPA

Emilly Reis  
@emillyreisart

### CONSELHO EDITORIAL

Profª Ma. Fernanda dos Santos  
@fernandafsafsa

Profª Gisele Rocha  
@escritora\_giselerocha

# SUMÁRIO

- |    |  |    |  |
|----|--|----|--|
| 8  | <b>EMILLY REIS</b><br>Água Corrente            | 22 | <b>MOWA</b><br>A arte visual da autora               |
| 9  | <b>LAÍS FERNANDES</b><br>Ritual                | 24 | <b>@perret.nuaecrua</b><br>Ciranda                   |
| 10 | <b>LÉA DIAS</b><br>Noticiário                  | 25 | <b>RICARDO LIBERAL</b><br>Amores-Pretéritos          |
| 11 | <b>LETÍCIA ZAMPIÊR</b><br>Com Susano           | 26 | <b>SERGIO BATISTEL</b><br>Sete de Setembro           |
| 12 | <b>LIRA QUEIROZ</b><br>Vóinhas Vó Nenén - Ida  | 27 | <b>ÚRSULA ANTUNES</b><br>Dolor                       |
| 13 | <b>LÍGIA LIBÂNEO</b><br>Foto Poema             | 28 | <b>THAINÁ SALINO</b><br>Equinócio                    |
| 14 | <b>LORENA GRISI</b><br>Amarrações              | 29 | <b>HORTÊNCIA SANT'ANA</b><br>A arte visual da autora |
| 15 | <b>EMILLY REIS</b><br>A arte visual da autora  | 31 | <b>THYAGO JESUS</b><br>Vai com Deus, meu fio!        |
| 17 | <b>SILENE PIRES</b><br>Contato Zero            |    |  |
| 18 | <b>MARCINHA COSTA</b><br>Escola dos Ancestrais |    |  |
| 19 | <b>MANOEL ROBERTO</b><br>Caminhos Aquáticos    |    |  |
| 20 | <b>MARIANA QUEIROZ</b><br>.                    |    |  |
| 21 | <b>MARILENE ALAGIA</b><br>Meu Livro            |    |  |

# ÁGUA CORRENTE

Transbordo.

Hoje a cachoeira está cheia.

Águas escorrem,  
correm desesperadas.

Aqui, eu sigo desconsolada.

Águas doces, por ora, salgadas.

Passam entre grandes pedras.

Desfazem-se.

Buscam outros caminhos.

Vendaval que movimentava

o balanço do meu rio,

é o mesmo que atormenta

o breu das minhas águas.

Transbordo quieta, calada,

por ser quem sou.

Corroída pela ferida

das ondas quebradas.

Ferida não cicatrizada dói.

Dói como engolir uma jangada.

Aos que não sabem navegar:

Naufrágio.

Em minha liquidez, frágil.

Chove.

Pingo a pingo, encho mais:

Transbordo.

Tudo para conter minha correnteza.

Mas, corro entre pedras.

Balanço com os ventos

e mudo a direção.

Sou feita de água

— livre.

**EMILLY REIS** (1998) nasceu em Feira de Santana/Bahia. Graduada em Letras Vernáculas e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). É artista visual, artesã e ilustradora.

# RITUAL

A escrita escorre o que  
há no limbo e o que  
há no limbo (aqui dentro)  
é o que há de mais  
lindo e estranho  
páginas&páginas&páginas  
outonais rabisco  
meditação em linha torta  
dores n'alma sempre ganho  
o que há no limbo é verbo  
ação de eras, magia xamânica  
estanca a veia  
que sangra em suma  
cicatrizo o que  
machuca a  
matéria orgânica  
emplastro de vozes ocultas  
cura e se prende ao imutável  
sou minha guia  
minha anciã  
enveneno minha própria maçã  
(finalizo em versos o impronunciável)  
o coração, esta jovem sacerdotisa  
lateja sonoro, salta em meu peito  
aquecido  
o léxico sou eu  
que me contorço em  
v á  
r i  
a s  
e flutuo, bendita,  
até não mais fazer sentido.

**LAÍS FERNANDES** (1995) nasceu em Cotia/São Paulo e mora em Vargem Grande Paulista/São Paulo. É tradutora, revisora e preparadora de textos. Escreve desde a adolescência para compreender e acalantar o barulho que existe por dentro.

# NOTICIÁRIO

Em cada canto uma flor daninha  
Cospe sementes que ameaçam meus dias.  
Já não há consolo para meus olhos  
Nem alento algum chega aos meus ouvidos.

Espelho do que se lavra nas ruas,  
César colhe o que não plantou,  
Enclausura os peixes em coleções privadas  
E confisca a vara dos pescadores.

A cada giro completo dos ponteiros,  
Despencam dos céus três ou quatro aviões.  
Outros tantos polemizam nas redes  
Sobre a ocisão dos não nascidos.

Os santos se dedicam a protestos infames.  
A ordem do dia é atirar lanças  
Sobre corpos sangrados de meninas nuas  
Cingidas a seus bichinhos de pelúcia.

Um grito negro salta do nono andar,  
Enquanto os cães, incólumes, folgam na praça.  
Mãos alvas não se tingem de escarlate  
Ainda que haja sêmen e hímen rompido.

O deserto são as minhas órbitas.  
Minhas lágrimas não regam  
As terras que ardem em chamas  
Nem fazem baixar o preço do arroz.

**LÉA DIAS** é doutora em Literatura e Cultura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA). Autora de *Euclides da Cunha em terras baianas e amazônicas: impressões de um viajante sobre sertões brasileiros e outros espaços* (Edufba). Organizadora de *Ser diferente é legal: histórias sobre respeito e tolerância* (Darda Editora).

## COM SUSANO

De dentro é possível reconhecer o estrago,  
espiando o mundo pelo navio afundado.  
Os fantasmas que restaram de tudo o que foi  
fazem companhia, e ajudam a sustentar  
o peso de estar naquilo que se é.  
Olho para o escuro de ti,  
para o escuro  
de mim,  
pesco nossos pedaços espalhados pela memória  
e destruo partes de mim para encontrar  
alguma leveza em não ser.  
Espero pacientemente que as flores plantadas brotem  
e me sufoquem com sua delicadeza.

**LETÍCIA ZAMPIÊR** (1996) nasceu em Juiz de Fora/Minas Gerais, onde trabalha hoje como psicanalista. Escreve histórias desde que aprendeu a ler e tem o conto *Ânsia* publicado na coletânea *Leia mulheres* (Pólen Livros, 2019).

# VÓINHAS VÓ NENÉM - IDA

Os calafrios  
O suor frio  
Num escuro vil  
Os sussurros infundáveis  
As vozes inaudíveis, mordazes  
As lágrimas intermináveis  
E o sufocamento  
Durante um sono truculento  
Em meio a sonhos perturbadores  
E o ar que se extingue em meu peito  
Que tenta buscá-lo de qualquer jeito  
Em meio todas minhas dores  
Nada me prepararia  
Nada seria o suficiente  
Para alertar a perda iminente

Tu já havia partido  
Ao primeiro fio de cabelo embranquecido  
Que por teus ombros havia caído  
Tu tinha nos dado um longo adeus  
Desvencilhando-se dos hábitos teus  
Uma balada fúnebre  
Concebida em notas lentas  
Durante teus meses em febre  
Esta canção que nos acalenta  
Composta de versos suaves  
Torna tua ida serena  
Mesmo embaladas num tom grave

Afinal, tu nunca partirás  
Só alargará a distância  
Afastando-se da matéria orgânica  
Momentaneamente, nos deixará  
Com a perspectiva de reencontrar  
Em outro momento  
Teu espírito levado pelo vento  
Tua leve alma  
Suave e calma

**LIRA QUEIROZ** é uma pessoa sapatransviade, 22, negre, panssexual, demissexual, tem anemia falciforme, sente muita dor crônica e só agora voltou a escrever crônicas. É pesquisadore na LIF/IHAC (UFBA). É pintore, desenhista tradicional e digital. Escreve mais poesias e contos de ficção científica.

# FOTO POEMA

não  
sei  
se  
a  
poe  
sia  
vi  
ve

no infinito                      no instante

**LÍGIA LIBÂNEO** (1989), goiana, mora em Brasília, onde trabalha como psicóloga escolar. Seu primeiro livro de poesias se chama *Acontessências*. As fagulhas iniciais do livro estão na página @euuconto, lugar onde compartilha seu diário do olhar. Escreve e declama poesias desde pequena.

# AMARRAÇÕES

morar dentro da cabeça  
ocupar seus cômodos  
cansar nas escadas  
e nas curvas de corredores longos  
parar na entrada do labirinto  
partir de princípios

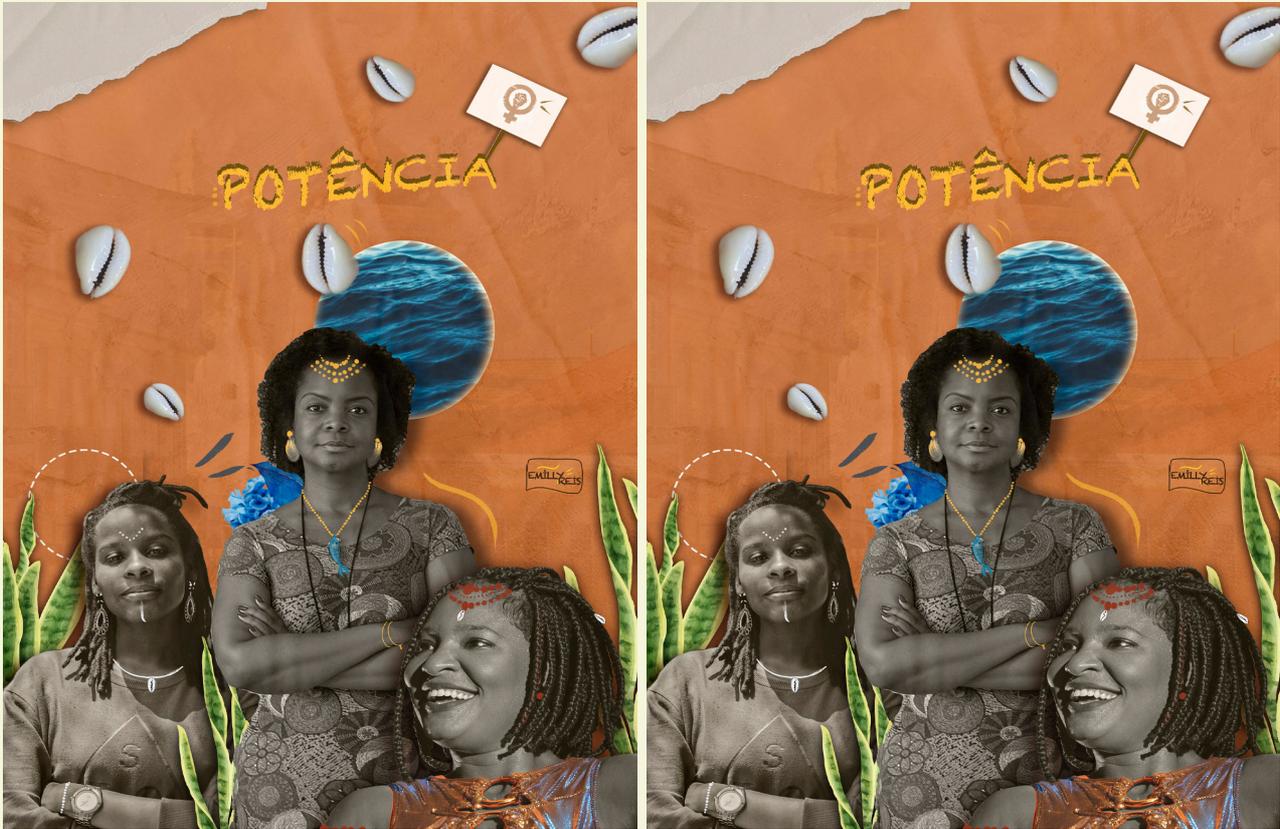
dormir em camomilas  
acordar em analgésicos

ver o estopim  
em sua mais jovem forma física  
dividindo a cama  
com todas as perguntas  
(cada noite, uma)

saber que habitar  
diz muito de entontecer  
vez em quando  
fechar as portas  
dilatar pupilas  
dar nós em sinapses delicadamente  
contando apenas com a destreza das mãos

**LORENA GRISI** nasceu e vive em Salvador/Bahia. É escritora e revisora. Publicou o livro de poemas *Exercícios físicos* (ParaLeLo13S, 2021). Tem poemas, contos e crônicas publicados em várias antologias e revistas literárias. Mais informações no Instagram @instagrissi.

# A ARTE VISUAL DE EMILLY REIS



A obra intitulada *Potência* foi criada a partir da técnica de colagem digital. Essa obra traz uma representação de mulheres negras e baianas, as quais a autora, Emily Reis, referencia-se sempre, sobretudo na escrita e na forma de posicionar-se para ler o mundo. Logo, para ela, essas mulheres simbolizam um mar de potência.

*Ibejis* é o título da ilustração digital que compõe a capa deste fascículo. Para a autora, "O contexto dessa obra parte da minha bagagem de trazer narrativas ancestrais e culturais no meu trabalho. Os Ibejis é o Orixá que representa os Erês, divindades da religião de matriz africana, os erês dialogam nessa arte para ressignificar os olhares trazendo alegria e pureza em suas cores, sobretudo pela representação da figura humana de crianças, as quais dialogam para percebemos a energia de Ibeji na realidade, no cotidiano, nas cores e brincadeiras de crianças. Essa obra também demonstra minha devoção e minha forma de resistência."

**EMILLY REIS** (1998) nasceu em Feira de Santana/Bahia. Graduada em Letras Vernáculas e bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). É artista visual, artesã e ilustradora.



Emily Reis  
2020

Colagem analógica de Emily Reis

# CONTATO ZERO

Olhou-se no espelho, percebendo seu corpo vivo. Tocou-se e sorriu. Enfim, livre. A vida a esperava.

**SILENE PIRES** (1972) é natural da cidade de São Paulo, mas vive há mais de trinta anos em São Bernardo do Campo/São Paulo. É professora do ensino fundamental e começou a escrever há cerca de dois anos. Publicou contos em um livro coletivo intitulado *Artesãos das Letras* (2020).

# ESCOLA DOS ANCESTRAIS

Sou mestra em matéria de ancestralidade  
meus mais velhos muito me ensinaram  
professores da vida  
do ontem  
do agora  
e do que virá

Faço e refaço a lição diariamente  
aprendo um ensinamento novo  
e carrego comigo  
o exercício de cumprir  
uma grande missão

Minha comunidade  
é minha escola  
e na aula de oralidade  
me inspiro  
e sou sempre aprovada

O conhecimento  
vem de longe  
e o aprendizado  
é constante

Escrevo e reescrevo a tarefa  
com caneta de tinta preta  
dos meus antepassados  
não rasuro e nem apago  
o papel que conta  
a história  
do meu passado

**MARCINHA COSTA** é baiana de Feira de Santana/Bahia e possui poemas publicados em antologias. É professora, atriz, especialista e mestra em Estudos literários com ênfase em literatura africana de língua Portuguesa/moçambicana pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

# CAMINHOS AQUÁTICOS

Serpenteia o rio  
rasgando a carne  
da terra.  
Líquida vida,  
caminhos da humanidade.

**MANOEL ROBERTO** (1999) é poeta e graduando em História. Natural de Pauini/Amazonas, mora atualmente em Tefé/Amazonas. Escreve desde os 16 anos. Publicou poemas nas antologias: *Habita-me, Escrevendo um Sonho, Eclipse Vital e Chorando pela natureza*.

•

na ossatura cardíaca do esterno  
gritos  
miúdos y enormes  
sacodem no ônibus de um lado para o outro  
atravessam a cidade  
y os dias  
nos cinco turnos de trabalho

gosto de ferrugem  
minerais silenciosos  
letras soltas na língua  
o perigo de uni-las  
concatenar palavras  
dar-lhes forma

talvez de âncora com peso y empuxo para baixo  
talvez de martelo y estilhaçamento na pancada  
talvez de machado y membro decepado no corte  
mais uma vez  
o risco  
de habitar uma boca  
que diz das coisas que querem se fazer ditas  
y carregar nas entranhas das letras  
ameaças nucleares  
contra certos mundos

**MARIANA QUEIROZ**, 35 anos, nascida em Cuiabá/Mato Grosso, reside há mais de uma década em Florianópolis/Santa Catarina. Escreve desde guria pequena, para fazer caminho. Seu primeiro livro publico é *AVOA* (Editora Urutau, 2021).

# MEU LIVRO

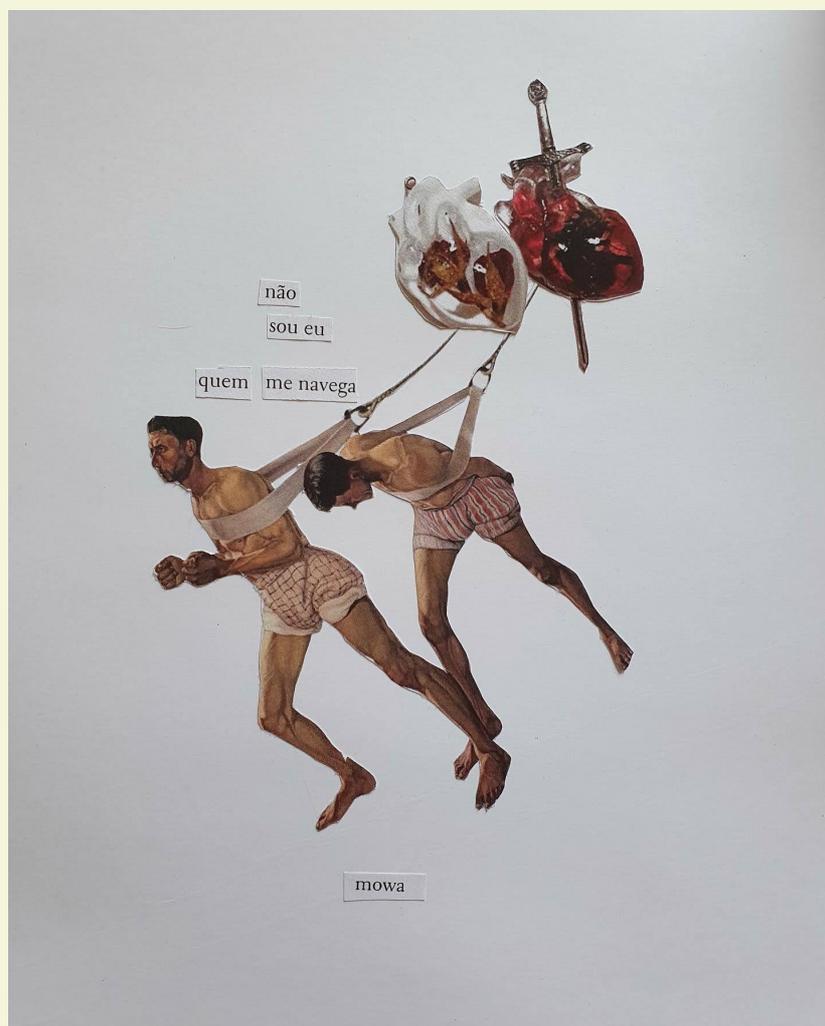
Vivo solta em tuas folhas  
perdida entre frases e versos  
Às vezes eu sou a face  
noutras sou o próprio reverso  
mundo misterioso  
desse imenso universo

Sorrisos e lágrimas juntas  
é que compõem amplidões  
fantasias geradas na mente  
contendo as emoções  
soluços, dores amores  
resquícios de frustrações

Misterioso habitat  
Guardas cicatrizes enumeradas  
Nas folhas todas marcadas  
sentimentos depositados  
Ah! Quão vazio seria a vida  
se não estivesse ao meu lado

**MARILENE ALAGIA** (1945) nasceu em Bagé/Rio Grande do Sul, onde reside até atualmente. É funcionária pública, radialista, artista plástica e escritora. Escreve desde 1998, tem três livros editados e várias participações em antologias.

## A ARTE VISUAL DE MOWA



Esta obra, intitulada *Não sou em quem me navega*, parafraseia um trecho da música *Timoneiro*. A autora afirma que "A colagem apresenta o principal cavalo do ser humano, o coração (a emoção, sentimento, intuição) e o elo profundo que temos com nossas verdades."

Já a obra intitulada *A esperança nasce em formatos inéditos* (ver página seguinte) exprime a ideia de como a expectativa se fixa em meios dubitáveis.

**MOWA** nasceu em Atibaia/São Paulo e mora na capital há 19 anos, onde atua com *Inside Sales* em uma companhia de seguros. Escreve desde 2014 e está em processo de publicação do seu primeiro livro. Em 2020, decidiu personificar seus escritos por meio da colagem analógica.



Colagem analógica de Mowa

# CIRANDA

Sentadas  
em roda  
contando  
segredos  
histórias  
de outros  
tempos  
estamos  
nos dando  
as mãos  
e costurando  
novas tramas  
mais pretas  
mais firmes  
para apoiar  
umas às outras  
nesses caminhos  
em que o precipício  
é logo ali

**@perret.nuaecrua** (1976) nasceu em São Paulo e vive desde os 7 anos em Salvador/Bahia. Desde criança escreve, mas apenas aos 40 anos conquistada pela poesia como ferramenta terapêutica e de expressão. Participou da Coletânea *A Mulher e a Igualdade* (Editora Perse, 2021).

# AMORES-PRETÉRITOS

Engole teu pranto! Cala-te a boca! Cala-te o peito! Recuse-se a ficar inerte ao cotidiano, esqueça de si em noites de outras mulheres, festanças boêmias, risos clandestinos. Deixe-se namorar outros lábios, passear por corpos vãos, descubra novos uísques e brinde-os. Engula teus sapos. Peço, cala-te!

De quando em quando, a bravura vai embora antes do clarão nascer. Outrora, o corpo se lança a gritar, e como grita! Gritam os nós-cegos na garganta, gritam as olheiras escurecidas, as noites vagando pela cama, as ressacas de estômago vazio, a clavícula saltando, as crises, os excessos, as faltas.

Resista! Resista às tentações de render-se a ela! Não vales teus marlboros tragados, teus vinhos tomados, teus instantes calados. Os sentires pretéritos me recordam um par de sapatos envernizados que possuí nos meus tempos de menino. Não cabiam em meus pés há algumas estações e eu insistia em atormentar meus dedos para encaixá-los à marra. Os temporais escancararam que aquilo só me guiava à dor da partida. É preciso assentir: nada que fui, brinde-me agora.

Mas, aí, desatino: que mal tem te beber, meu bem, se quando te bebo, meu corpo brada teu nome...

**RICARDO LIBERAL**, nascido e criado em Coração de Maria/Bahia, é acadêmico de Letras pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e escritor em momentos de plena solidão.

# SETE DE SETEMBRO

(aos apoiadores do presidente, com carinho)

“Toca o berrante, seu moço!”

Pedia aquele menino.

Mas quando se abre a porteira,

O gado vem cantando o hino,

Vem carregando a bandeira,

Vem apoiando assassino.

O gado critica a imprensa:

“Liberdade de expressão”

É só desculpa pra ofensa;

O gado quer ditadura:

Mas quando vê a polícia

Não aguenta levar dura;

“Toca o berrante, seu moço!”

Não pede mais o menino.

Quando se fecha a porteira,

Segue feliz para o abate

O infeliz gado de corte:

O grito da independência

Virou mugido de morte.

(07-09-2021)

**SERGIO BATISTEL** é natural de Prudentópolis, radicado em Ponta Grossa, ambas no Paraná. Formado em Letras - Português/Espanhol pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), tem dois títulos de poesia publicados: *Achados e Perdidos* (Texto e Contexto, 2019) e *Poemas de rodapé* (Olaria Cartonera, 2021).

# DOLOR

Venha, venha ver  
Olhe o sangue que sai  
Da ferida  
Toque na ferida  
Que está aberta  
Escancarada  
Venha, venha ver  
Explore essa abertura  
Em carne viva.

Não tenho medo de doer  
Já dói demais  
Não tenha medo de se sujar  
Você já se sujou bastante  
Despreze minha agonia  
Já agonizo há séculos.

Venha, venha ver  
A carne frágil exposta  
O espetáculo dos aflitos  
Não desvie seus olhos  
Estou aqui para incomodar...!

**ÚRSULA ANTUNES** é do Rio de Janeiro, editora, preparadora e revisora de textos, formada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Literatura sempre a acompanhou e a escrita foi uma consequência. Tem contos publicados em diversas antologias, e livros eletrônicos independentes na Amazon.

# EQUINÓCIO

O doce aroma floral preenchia a leveza de um findar de tarde banhado pelo tom alaranjado das nuvens.

Decorando a calçada vazia, uma pequena galeria coloria as paredes em pigmentos vivos mesclados em peças abstratas.

Se despedindo de mais um dia, o crepúsculo adornou a vista urbana.

Aninhando a mansidão da natureza, as estrelas esplendiam, dispersas pelo céu escurecido.

Os ares tipicamente quentes, movidos pela calidez do verão, se rendiam ao frescor da atmosfera noturna.

Embalada pela repentina ventania, uma pequena folha passeou de um lado para o outro, pousando delicadamente ao pé da árvore.

**THAINÁ SALINO** é autora de *A Árvore Mágica* (2011), *Mabel* (2018) e *A Maldição da Lua de Sangue* (2021).

# A ARTE VISUAL DE HORTÊNCIA SANT'ANA



As fotografias da artista Hortência Sant'Ana, que integra este fascículo, compõem a obra *Sangue Bom*. Enquanto seu pai e avó limpavam as galinhas, conversavam sobre diversos assuntos, e dentre eles um lhe chamou a atenção: o “sangue bom”. O pai comentou que não teve sorte com algumas galinhas que tinha comprado há poucos dias. Segundo ele, o motivo era o antigo dono. Então a sua avó explicou: “tem gente que a gente só costura para ele porque é com quem dança, quem dança tem que dançar com todo mundo para não ter briga. Tem umas pessoas que quando vou fazer a sua costura, desmancho mais de dez vezes, e outros não desmancho nem uma vez. Não sei se é o sangue bom, ou sei lá o que...”

**HORTÊNCIA SANT'ANA** (Santaluz/Bahia) é artista visual autodidata e graduada em História. Utiliza a fotografia como uma ferramenta de leitura e mobilização contemporânea, inserindo-se em temáticas de cunho social e cultural, exercitando reflexões sobre a vida e o cotidiano.



Fotografia de Hortência Sant'Ana

# VAI COM DEUS, MEU FIO!

Mesmo com o forte temporal que destrói o mundo lá fora e ameaça derrubar a já velha casa de taipa que abriga sua família, Maria das Dores levanta cedo, mais precisamente às quatro da madrugada, para agilizar a pescaria. A Semana Santa, que era seu melhor período de vendas, se aproximava, então era melhor chegar cedo ao rio, pois sabia que a concorrência seria grande. Das Dores, como era conhecida por todos, tinha cinquenta e sete anos, era filha de branco e de índio e mãe de três filhos: Severino, José Luiz e Jurema.

A tempestade finalmente passa. Era hora de acordar os meninos. Apesar de precisar muito deles para garantir uma pesca mais abundante, não os acordaria se a chuva não tivesse passado. Preferia pescar sozinha sob a chuva e sob o frio da aurora a permitir que seus filhos passassem por isso. Seria maldade demais.

Já passava das seis da manhã e em seu balaio havia poucos peixes. Em outros tempos já o teria enchido. Ali, sentada naquelas pedras, com a vara de pesca na mão, à espera de que um peixe fisesse a isca, Das Dores entoava canções aprendidas com seus antepassados: *Ô Mãe d'água, manda um, manda dois, manda três. Manda peixe pra tua gente, manda quatro, manda cinco, manda seis!*

Na outra margem, José Luiz e Severino, os dois filhos homens de Das Dores, pescam sem esperança e sem vontade. O primeiro tem dezesseis anos e o segundo, dezoito.

– Zé Luiz, nós tá perdendo tempo aqui. Se a gente pegar a canoa e ir lá pra perto do bambuzal, nós volta com o cesto cheio.

– Melhor não! A mãe falou que o rio tá perigoso esses tempos. Toda hora vem trovoadas, vem vento. Em um segundo, essa água derruba nossa canoa.

– Nunca vi homem mais medroso! Eu vou sozinho!

Maria das Dores vê Severino se afastar ao longe com a canoa. Cada remada do filho é uma pontada em seu coração. Pontadas cada vez mais fortes, até que a última faz sua vara de pesca cair no rio.

– Meu Senhô da Cruz, protegi o meu Severino.

José Luiz atravessa o rio a nado e se junta à mãe. Ele percebe a tristeza no olhar dela e, mesmo molhado, a abraça.

– A gente vai saí dessa, mãe. A senhora não vai mais precisar acordar tão cedo pra pescar. Eu vou ser alguém na vida e vou tirar a gente dessa, a senhora vai ver.

– Meu fio, eu já me acostumei com essa vida, com essa labuta. Isso é o que eu tenho e o que eu posso oferecer a vocês. E a vida é assim: um dia a gente tem o balaio cheio, no outro, não. Eu tô triste é porque eu tive um mau pressentimento quando vi teu irmão pegar aquela canoa e se aventurar pelo rio. Aquele menino é muito teimoso! Ele sabe que esse rio é traiçoeiro! Esse rio já levou o pai de vocês. E que história é essa de que você vai ser alguém na vida? Você já é alguém na vida, meu fio. Ser alguém na vida não é ter dinheiro e conforto, não; é ter dignidade e orgulho de ser quem a gente é.

– Pode ir pra casa, mãe. Deixa que eu seguro as pontas por aqui e espero o desajuizado do Severino voltar.

Ao chegar em casa, Das Dores encontra a porta aberta e ouve gritos.

– Meu Deus! Tão maltratando de minha fia!

Tomada por um ímpeto de coragem, Maria das Dores arranca uma estaca da cerca que contorna sua pequena casa e entra com tudo para ver o que está acontecendo. Ao perceber que os gritos vêm do quarto que divide com sua filha, ela se enfurece e vai decidida a acabar com a cena que já imagina em sua cabeça. Dito e feito. Ao abrir a cortina, ela vê Bastião, vaqueiro da fazenda vizinha, sem roupa e em cima de sua filha, que grita e tenta se livrar daquele homem, que a imobiliza no chão batido.

Já muito distante do local onde pescava com sua mãe e seu irmão, Severino segue remando na pequena canoa. Trata-se de um trecho muito largo do rio, propício a embarcações maiores, como uma escuna lotada de turistas que Severino avista a alguns metros à sua frente. Enquanto via aquelas pessoas de chapéu e óculos apontando suas câmeras para todos os lados daquele paraíso em meio à imensidão das águas, ele pensava em como a vida daquelas pessoas deveriam ser bem mais fáceis que a sua. Roupas caras, celular, viagens. Àquela hora da manhã, ele tinha que se aventurar por aquele rio, confiando no remo, na vara de pesca e no balaio, tudo isso para garantir a refeição do dia e o pouco dinheiro que faria caso conseguisse vender os peixes na feirinha da cidade.

Severino remava cada vez com menos força, cada vez com menos pressa, afinal já estava cansado de sempre remar contra a maré. Sua vida sempre foi assim. Ele admira muito os outros rapazes da idade dele que se contentam com esse modo simples e miserável de viver, mas ele não se vê assim. Ele não acha justo o pouco

retorno financeiro advindo do enorme desgaste físico da labuta diária. Deslizou o balaio um pouco para a direita e segurou forte um revólver para extrair coragem. Era ele contra aqueles turistas. Ele aponta a arma. Era hora de se permitir. E ele foi.

De volta para casa, José Luiz vê algumas mochilas na sala, inclusive a sua. Maria das Dores e Jurema surgem chorosas do quarto.

– O que aconteceu, mãe?

– No caminho eu te explico, meu fio.

– Cadê Severino?

– Ele ainda não voltou.

– E nem vai voltar mais. É melhor a gente ir logo.

– O que a senhora tá dizendo, mãe? – Perguntou Jurema.

– Eu sinto as coisas, minha fia. Eu sinto. Mãe sempre sente e sabe das coisa.

– Mas o que tá acontecendo? Eu não tô entendendo nada! – Disse José Luiz, assustado.

– Já falei que no caminho a gente te explica. Vamo logo, antes que descubram tudo e venham atrás da gente.

O sol se põe no horizonte para alívio de Maria das Dores, José Luiz e Jurema, que caminham há horas carregando malas pesadas e estão lavados de suor. É possível ver de longe alguns trechos do rio que sempre os alimentou durante toda a vida. É como se aquelas águas aparecessem para dizer que eles não estão sozinhos. Os três alcançam um trecho daquele mesmo rio em uma terra distante e desconhecida para eles, param na beira das águas e abastecem suas garrafas. Das Dores é a última a sair dali, e seus dois filhos não entendem a razão de a mãe demorar tanto ali, agachada na margem do rio.

– Mãe, tá tudo bem aí? – Grita Jurema.

Maria das Dores tem seu olho fixado em um trecho vermelho nas águas. Vermelho-sangue.

Ela toca o corpo de Severino, que boia naquelas águas e a partir de então vai alimentar o rio que sempre o alimentou. Às vezes, ou quase sempre, a natureza também funciona em sistema de troca. Das Dores se inclina na água e beija a testa do filho.

– Vai com Deus, meu fio.

**THYAGO JESUS** (1996) nasceu em Conceição da Feira/Bahia. É estudante de Licenciatura em Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e escreve desde a infância. Começou com quadrinhos, partiu para histórias infantis e, atualmente, escreve/brinca de escrever roteiros para telenovelas, poemas e contos com temáticas regionalísticas.

**GERAÇÃO DE**



**Revista Geração de 20**

Publicação independente do Movimento Poético Geração de 20

Feira de Santana - Bahia - Brasil - 2022

E-mail: [geracaode20@gmail.com](mailto:geracaode20@gmail.com)

[www.geracaode20.org](http://www.geracaode20.org)